



A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
THE MANIFESTATION OF GOD IN THE HISTORY OF HIS PEOPLE

Luiz Fábio Domingos¹

Submetido em: 01/06/2021

e25378

Aprovado em: 21/06/2021

RESUMO

O presente estudo realiza uma análise descritiva da manifestação de Deus na história do seu povo, considerando a necessidade de um aprofundamento da história da revelação-salvação, onde nasce o desejo de perceber a maravilha do Senhor que se revela na história, desde a criação até a vinda de Jesus e que se corresponde com homem, imagem e sua semelhança. O objetivo dessa reflexão é levar o homem a descobrir o Senhor da História na história, onde é chamado a perceber a ação de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) em todos os momentos, numa relação profunda e vital, tendo em vista a salvação operada pelo Senhor. Por isso, buscou-se perceber o toque do próprio Deus, tornando a história, em seus desdobramentos, sagrada e fazendo com que a experiência religiosa do homem possa ser compreendida através dessa revelação do Senhor. Para tanto, procurou-se delinear os conteúdos, tendo em vista a dinâmica dessa Revelação de Deus, identificando na Escritura e na atualidade a relação do homem com *Iahweh*.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestação. Deus. Homem. História. Salvação

ABSTRACT

This study targeted at perform a descriptive analysis of God's manifestation in the story of His people taking into account the need for a deeper review on Revelation-Salvation story from where it emerged the desire to perceive how splendidly the Lord revealed Himself in History from Genesis, when God made humankind in His image, according to His likeness, up to the coming of Jesus. The main concern of this reflection is to lead Man to find out the Lord of History in history where Man is called to perceive God's action (the Father, The Son, and The Holy Ghost) in all moments, in a deep and vital relation taking into consideration man's Salvation brought by the Lord. The development of this work was an attempt to show the touch of God Himself, turning history, in its extensions, sacred what allowed man's religious experience understandable through the Lord's revelation. Thus, contents were outlined with focus on God's Revelation identifying in the scriptures and in the present time the relation of man with Yahweh.

KEYWORDS: Manifestation. God. Men. History. Salvation.

INTRODUÇÃO

Considerando a necessidade de um aprofundamento da História da Revelação - Salvação, nasce o desejo de perceber a maravilha do Deus que se revela e que se corresponde com o homem, imagem e sua semelhança, em um diálogo transformador. Diante dessa premissa, se pode verificar que o homem é chamado a encontrar o Senhor que se revela na História (Luchesi, 2021, p. 310), que ao ter o toque do

¹ Mestre em Psicologia pela UCP- Universidade Católica de Petrópolis (2020); Convalidação em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (2018/2019); diplomado pelo Instituto Theologico sancti benedicti (Pontifício Ateneu de Santo Anselmo - Roma 2019); Graduação em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro (UNESA - 2009-2013); Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1998 - 2001), graduação em Filosofia pela Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II (1996-1997) . Atualmente é sacerdote - PARÓQUIA NOSSA SENHORA MÃE DA DIVINA PROVIDÊNCIA. Tem experiência na área de Teologia.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

próprio Deus, torna história Sagrada. Sendo assim, a experiência religiosa do homem será, então, compreendida através da Revelação.

Na Criação, Deus, além de demonstrar o seu amor pela sua obra, quer, acima de tudo, proporcionar ao homem um testemunho que não é passageiro, momentâneo, mas perene de Si. E, também manifestando ao homem o seu amor transcendente, quer fazer da obra divina um lugar de encontro e de realização deste mesmo homem com o seu Criador. Nesse sentido, o homem é colocado no centro da obra divina, coroando a Criação. Nessa obra do Criador, encontra-se o seu repouso e o domínio das coisas existentes, que estão a cargo do homem. Por isso, a glória de Deus é manifesta na mais sublime das criaturas, o homem.

Deus se manifesta aos poucos, passo a passo, ao longo de toda a História. Ele escolhe inicialmente um povo, e, desse povo, intermediários que transmitirão sua palavra e mostrarão o caminho. Dessa forma, a Revelação continua com Abraão, o amigo de Deus (Viola, 2021), respondendo prontamente ao chamado de Deus, que derruba seus planos e se coloca disposto a dar-lhe tudo, inclusive o filho, já que ele e Sara, sua esposa, não tinham descendência.

Tendo em vista tal fato, segue-se Êxodo, o evento de realização, revelação do Poder e da Salvação de *Iahweh* para com o seu povo. Nesse caso, Ele se revela como um Deus compassivo que se lembra do seu povo e das suas promessas. Haja visto que a palavra profética também vai ressoar na História de Israel, para tornar visível os desígnios do Senhor. Assim, através da Literatura Sapiencial, a grandeza, a fidelidade, a santidade e a majestade de Deus, manifestadas pelos profetas, serão destacadas.

Na vida humana, a imagem de Deus volta, após a queda da humanidade, a resplandecer e manifestar-se com a vinda do Filho de Deus, que, sendo a imagem perfeita do Pai, manifesta-se em toda a sua plenitude. E será com a Ressurreição, Ápice da Epifania, que o projeto de Deus realizar-se-á definitivamente: “a promessa feita aos nossos pais, Deus a realizou plenamente para nós... ressuscitando Jesus como está escrito nos Salmos: Tu és meu Filho, e eu hoje te gerei” (At 13, 32-33). Assim se fala do Espírito Santo, que capacita o ser humano para grandes eventos extraordinários em sua vida. Como afirmou Cobiak (2021), quando falou que nas Sagradas Escrituras “as atividades do Espírito Santo e estas não podem ser atribuídas a um mero conceito, ou uma força impessoal. Pelo contrário, tudo o que Ele faz somente pode ser executado por uma pessoa, o que prova que o Espírito Santo é uma pessoa” (Cobiak, 2021, p. 39).

Dessa forma, no dia de pentecostes, pela efusão do Espírito Santo, a Igreja é revelada ao mundo. Esta, por sua vez, vai manifestar, tornar presente, a obra da Salvação realizada em Cristo. Assim, toda História vai ser palco da gloriosa manifestação do Pai, do Filho e do Espírito Santo o qual é o mantenedor da Epifania. Tudo isso, para “calar” a inquietude do coração humano que vai encontrar na obra divina a resposta da sua insatisfação, que terá o seu fim no descanso eterno em Deus, onde seremos restaurados “conforme a imagem do seu Filho” (Rm 8,29).



Esta pesquisa enveredou-se por um caminho de revisão bibliográfica, que evidencia um trabalho descritivo e que traduz ideias-chaves da teofania na história do seu povo, por meio de alguns autores de relevo no campo da Teologia.

2 IAHWEH, SENHOR DE TODA EPIFANIA.

A Criação é a obra-prima e fundamental da ação de Deus, pois Ele é o verdadeiro artista que plasma a sua obra, abençoando-a e santificando-a, para que ela seja a manifestação do seu amor eternamente. Nesse caso, a obra, além de revelar a sua glória, quer revelar, acima de tudo, o seu amor incondicional e também que a sua criatura amada (homem/mulher) encontre na natureza, na obra divina, a própria presença do Criador. Dessa maneira, mencionou Cáceres (2021) sobre o ato criador de Deus, quando disse que “ao criar, Deus cria também o espaço e o tempo, levando-nos a entender que ambos também são criaturas” (Cáceres, 2021, p. 31). Haja visto que o mesmo afirma que “Deus cria todas as coisas através das suas palavras, palavras essas que não são transitórias e sim palavras que ecoam na eternidade, o verbo criado” (Cáceres, 2021, p. 21).

O homem, criado à imagem e semelhança do seu Criador, corrompe-se e se afasta de *lahweh*. Ainda assim, o homem, diante do criador de tudo e de sua esperança, deposita sua vida naquele que tudo realizou, por ser o único e o princípio de todas as coisas. Nesse sentido, afirmaram Veliq e Gomes (2020): “o homem sempre está em busca de Deus, pois é Deus aquilo que lhe falta... o homem pecador é um homem carente de Deus, e a falta que ele experimenta é o não-reposo de seu espírito em Deus” (Veliq e Gomes, 2020, p. 579).

Corroborando com esse assunto, muitos salmos enaltecem a grandeza e a majestade de *lahweh*, Criador do mundo (cf 78; 33, 6-9; 95, 1-5), e manifestam a atuação de *lahweh* na História. Essa atuação de Deus começa com Abraão e os demais Patriarcas, que com a experiência do encontro, presenciam as maravilhas d’Ele. Sobretudo no Êxodo, que o povo escolhido terá uma forte experiência com Aquele que se manifestará como o Senhor da Criação, e muito mais, com o único Deus. Assim, o mundo para o povo de Israel se tornará, então, um sinal da presença de Deus. Em suma, o Senhor se revela no palco da História, manifestando-se como o Deus de Israel, o Criador e Salvador de todos os homens.

2.1 A CRIAÇÃO MANIFESTA A GLÓRIA DO SENHOR

A ideia da extraordinária ação de Deus na obra criadora deu-se tardiamente. Israel experimentou o “Deus da Eleição-aliança”; e esta aliança que Deus realiza com seu povo é, acima de tudo, um chamado que se dirige ao homem para viver em comunhão com Ele, num relacionamento íntimo de amizade. Levando isso em consideração, vale ressaltar que as intervenções de Deus na história, a libertação do povo no Egito, a cansativa conquista e o assentamento na Terra de Canaã levaram o povo a perceber que *lahweh* toma conta, guia e salva-o. Ou seja, o Deus poderoso intervém na história, mostrando que a natureza está a seu serviço. Mas esta natureza também está a serviço do ser humano (Gn 1, 26. 28-29).

Assim, toda criação, obra divina, revela a glória, o esplendor de Deus. Ela é a manifestação permanente de Deus: “... por meio da revelação, todos os homens na presente condição da humanidade



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

podem conhecer com absoluta certeza e sem erro as realidades divinas que, em si, não são inacessíveis à razão humana” (Dei Verbum, N. 6). Nesse sentido, percebe-se que a narração de Gn 1, 1-2,4^a é atribuída à fonte sacerdotal (Peña, 1989) e apresenta a Criação descrita ao longo de seis dias e termina com o repouso no último dia. Os seres passam a existir mediante a invocação de Deus e no sexto dia a criação é coroada com o surgimento do homem, imagem de Deus e dominador da obra divina. Dessa forma, se pode afirmar que “enquanto obra querida por Deus, a criação traz em si a inspiração do amor, o que se liga à terceira Pessoa da Trindade” (Xavier e Silva, 2020, p. 406).

Assim, pela palavra “Deus disse”¹ (criação pela palavra) e pelo ato “Deus fez”² (criação pelo ato) realizou-se a criação do universo e do homem, que é o centro da obra criadora de Deus: “Deus, criando e conservando o universo por sua Palavra, oferece aos homens na criação um testemunho perene de si mesmo” (Dei Verbum, N. 3). Esse primado do homem sobre as criaturas deriva o fato de ter sido o ser humano criado à imagem e semelhança d’Ele. Portanto, toda criação, moldada a cada dia e culminando no repouso sabático, manifesta a glória e o poder de Deus, que do nada faz emergir a sua obra (Bartmann, 1964).

Pode-se afirmar que (2,4b-3,24) o relato Javista (Schneider, 1992) possui elementos distintos daquela Sacerdotal. Nessa descrição, a criação do homem é distinta da criação do universo e se torna completa a partir da criação da mulher (Eva). O homem, modelado do barro pelo artesão divino, vive a partir do sopro de vida, “*nefesh*”, manifestado também pelo espírito, “*ruah*”: “*lahweh* Deus... insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7).

Contudo, sem este hálito de vida o homem volta ao nada: “Se levasse de novo a si o seu espírito, se concentrasse em si o seu sopro, expiraria toda a carne no mesmo instante, e o homem voltaria a ser pó” (Jó 34,14-15). O hálito divino manifesta a vida, e tudo está nele. Somente Deus é o autor da vida. A mulher, feita da costela, é uma imagem que visa afirmar que ela é da mesma natureza do homem (Gn 2, 24).

Portanto, a fonte da vida está em *lahweh* (McKenzie, 1984). Por isso que o homem, para viver, recebe o hálito de Deus, que o protege e caminha em sua presença na luz da vida. A luz é um elemento extraordinário, que reflete as maravilhas do Senhor. E essas realizadas por Ele foram para manifestar a sua glória e que as suas criaturas pudessem também participar das obras realizadas pelo Criador. A intenção maior do texto não se encontra na explicação da origem do mundo e sim na problemática do mal. A harmonia da realidade, a obra criadora de Deus, será corrompida com o aparecimento do pecado.

Deus tem uma única razão para criar todas as coisas: o seu amor. Ele criou todas as coisas para manifestar a sua glória: “O mundo foi criado para manifestar a glória de Deus” (Denzinger-Schonmetzer – DS, N. 3025), afirmou o Compêndio de Símbolos. Tudo foi criado para Deus. Nesse sentido, “criador do universo, tornar-se-á ‘tudo em todas as coisas’ (1Cor 15,28), ao mesmo tempo a sua glória e nossa beatitude” (DS, N. 3002). Assim, o homem é criado para louvar e bendizer ao Senhor, entregando a sua

¹ Gn 1, 3. 6. 9. 11. 14. 20. 24. 26

² Gn 1, 16. 25. 26



vida e respondendo, livremente, a esse Deus. Portanto, “Deus é amor, e a criação do mundo é obra do seu amor e de sua autorrevelação” (Bulgakov, 1991, p.83).

2.2 – O HOMEM IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS MANIFESTA A GLÓRIA DO SENHOR

A narrativa sacerdotal afirma que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e isso não é dito sobre nenhuma outra criatura. Muitos autores fazem interpretações a respeito dessa afirmação (McKenzie, 1984). Contudo, ser imagem e semelhança de Deus separa o homem de toda criação, pois ele é uma pessoa com inteligência, vontade e poder. Nesse caso, com o homem, a criação se tornou completa, e Deus, seu criador, descansou. Deus havia criado um ser “semelhante” a Ele, que refletia seu criador; capaz de o conhecer e amá-lo (Gaudium et Spes - GS, N. 12).

O homem foi criado para manter uma relação com Deus, vivendo a comunhão com o Criador. Sendo imagem e semelhança de Deus, eleva a vida humana à sacralidade.³ Através da sua escolha livre, o homem sucumbe porque quer algo que não é seu (Gn 3,5). Ele poderia evitar o pecado, não aceitando ser desobediente a Deus. O pecado não trouxe mais vida harmônica: “a terra corrompia-se diante de Deus e enchia-se de violência. Deus olhou para a terra e viu que ela estava corrompida: toda a criatura seguia na terra o caminho da corrupção” (Gn 6,11s). Este rompimento gerou a morte e, com isso, o mal penetrou no mundo, fazendo com que a boa ordem que existia na criação fosse alterada. Mas, mesmo assim, Deus nunca abandonou o homem e sempre oferecem as condições necessárias para sua Salvação (Lumen Gentium – LG, N. 2).

Percebe-se com isso que se insere na história do homem, o auxílio necessário para a sua salvação. Os profetas irão lamentar a tendência do povo, que se confirma constantemente, de voltar às costas a *lahweh*. Assim, a ação (condutora) de Deus na história perpassa na vida humana para restaurar a imagem corrompida. Como afirmou Gatt (2021): “nesse sentido, quando os homens se encontram distantes da justiça original e da razão divina, os mesmos, estão sujeitos às práticas de pecado” (Gatt, 2021, p. 2).

Ademais, será explicitado que o ápice da restauração da ordem da criação e salvação do homem será realizado por Cristo: “...Quem me viu, viu o pai. Como podes dizer: ‘mostra-nos o Pai!’? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras” (Jo 14, 9c-10). Assim, a imagem de Adão após o pecado tornou-se imperfeita. Portanto, quando o ser humano aceitar o Cristo como salvador e redentor, acontecerá a complementação da primeira imagem e confirmação da segunda imagem (do Cristo).⁴

Portanto, será afirmado que Cristo é o novo Adão, pois é a imagem resplandecente de Deus. Com Ele, a glória de Deus é manifestada e o homem, em Cristo, é chamado a converter-se e revestir-se D’Ele,

³ Latourelle e Fisichella, 1994, p. 67: “A condição de Imagem de Deus faz com que a vida humana seja sagrada (cf. Gn 9,6). O primado sobre o resto das criaturas e o chamado por parte de Deus a participar de sua vida imortal são os pontos colocados em evidência em relação à criação do homem à imagem e semelhança divinas nos outros textos do AT, nos quais reaparece este motivo (cf. Eclo 17,3; Sb 2,23; cf. Também Sl 8,5-9)”.

⁴ Latourelle e Fisichella, 1994, p. 67; “O destino do homem é passar de imagem do primeiro Adão para ser a do segundo; tudo isto não é algo de marginal ou acessório a sua ‘essência’; ao contrário, esta vocação à conformação com Cristo e a revestir sua imagem constitui o aspecto mais profundo de seu ser”.



que restaurará a sua imagem corrompida pelo pecado, manifestando assim, a Obra Divina de Amor. Ou seja, com Cristo será percebido a manifestação do homem, como a autêntica imagem perfeita. Por isso, ele, reconhecendo n'Ele sua verdadeira imagem, descobre o sentido da sua vocação à bem-aventurança e missão aqui neste mundo. Assim, o homem, criado à imagem de Deus, governando o mundo na santidade e orientando todo o seu ser, será colaborador da glorificação de Deus na terra inteira.

2.3 – A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO POVO ESCOLHIDO

As intervenções divinas sucedem-se, através da história, o lugar da Revelação, onde Deus manifesta o seu poder e seu amor, preocupado com a fidelidade, a aliança e com os comportamentos dos homens. Nesse sentido, Israel encontra o seu Deus na História, pois os acontecimentos realizados por Ele revelam que esse Deus soberano é vivo e pessoal, que atinge o mais íntimo do seu povo. Vale mencionar que, *lahweh*, que realiza obras grandiosas e manifesta o seu poder, quer ser reconhecido e amado, para que todos tenham confiança n'Ele e que, observando os mandamentos, não se esqueçam jamais das suas obras. O próprio salmo afirma, “*Povo meu, escuta minha lei, dá ouvidos às palavras de minha boca*” (Sl 78,1), dizendo que as maravilhas realizadas por *lahweh* passarão por gerações.

Um outro personagem importante é Abrão, que se tornou Abraão e foi convidado a sair de sua terra, ser “pai de uma multidão de nações” (Gn 17, 5). No texto afirma, “*vai embora de teu país, de tua pátria, da casa de teu pai... Farei de ti grande povo.*” (Gn 12,1-2). Em Abrão, portanto, seriam abençoadas todas as nações da terra (Gn 12,3) para formar um povo, que herdaria as bênçãos e as promessas que Deus fez. Ele será para sempre o Deus de Abraão e de sua descendência (Gn 15, 1-20). Percebe-se assim, que “o povo originado de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo da eleição (Rm 11,28), chamado a preparar o conagraçamento, um dia, de todos os filhos de Deus...” (Catecismo da Igreja Católica – CIC, 2000, p. 30).

A revelação de Deus começa a realizar-se com Abraão e perpassa pelos Patriarcas. Deus vai se manifestando com sua ação na história e realizando-a do seu povo. Sabendo que este Deus promete, realiza e opera a salvação. É a história de um relacionamento específico e concreto, principalmente, concedendo-lhe um filho chamado Isaac, que será o pai de Esaú e Jacó. Esse será o filho da promessa e o portador da aliança (Gn 17, 19-21; 18,14), gerado por Sara. Dado o exposto, menciona-se que cada patriarca possui uma íntima relação com seu Deus, por livre e pessoal escolha. O Deus de Abraão (Gn 28, 13; 31, 42.53); O temido de Isaac (Gn 31,42.53); E o Poderoso de Jacó (Gn 49-24), era assim concebido o Deus dos Patriarcas.

A continuidade dessa História da Revelação pode ser encontrada no Êxodo, evento de salvação, e de libertação: “*ouvei a lamentação deles, lembrou-se de sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó*” e *desceu para libertá-lo da mão do Egito*” (Ex 24; 3,8), o povo de Israel, do povo escolhido. Nesse sentido, o Êxodo pode ser entendido como um tempo do encontro com Deus, amoroso e misericordioso: “A fé religiosa deste povo se encontra na experiência histórica de libertação da escravidão” (Pastor, 1989, p. 97). O povo oprimido, esmagado pela escravidão que sofria no Egito, quer e clama pela sua libertação.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

Além disso, Senhor escolheu Israel porque o ama e quis manter o juramento que fez aos antepassados (Dt 7,7-8). O Deus Poderoso manifesta o seu poder para libertar o seu povo: a água transformada em sangue, as rãs, os mosquitos, as moscas, a peste dos animais, as úlceras, a chuvas de pedras, os gafanhotos, as trevas e o anúncio da morte dos primogênitos. (Ex 7,8-11,10). Cada um desses acontecimentos foi assumido pelo povo escolhido como sinal de proteção e defesa.

Saindo da terra estrangeira, o povo parte em marcha, rumo à Terra Prometida. Mas, os egípcios perseguem Israel e *lahweh*, mais uma vez, salva o seu povo (Ex 14,26). De certo, “esse foi um momento em que Israel transcendeu e se conduziu para bem longe da situação de desespero que estava vivenciando. Ainda que fisicamente estivessem diante da ameaça, se mantiveram confiantes de que conseguiriam alcançar a outra margem do mar” (Soares, 2020, p. 32). Então, Deus se fez conhecer como o Deus único ao seu povo e Israel foi compreendendo que Ele interveio na história. Dessa forma, esse Deus respondeu aos clamores dos seus filhos que estavam sendo escravizados pelos egípcios e venceu todas as resistências. O povo então viu o poder de *lahweh* e o temeu e creu n’Ele e em Moisés, “seu servo” (Ex 14,31). A Epifania (ou manifestação do Senhor) se deu como ato que transformou a história.

Outro fato importante é a determinação de uma Lei: a saber, a Lei da Aliança, como uma fonte de bênção e de vida. Ela é um conjunto de normas que, visando o relacionamento humano, quer abrir espaço para que se perceba a manifestação de *lahweh*. Então, Ele deseja que todos aceitem o projeto de salvação: “Se quiserdes ouvir a minha voz e guardares a minha aliança” (Ex 19,5). Afinal, a Lei é dada ao homem como instrumento para viver na fidelidade a Aliança, pois quem pratica-a conhece a Deus (Os 4, 2; Jr 9, 2).

Sendo assim, “a lei é uma realidade íntima no coração do homem (Dt 10-14) e, portanto, consiste essencialmente em amar a Deus de todo coração e de toda a alma (Dt 4, 29) (Arenas, 1995, p. 91). O homem deve abandonar tudo o que vai contra a ordem do Senhor e abraçar com amor aquilo que Deus propôs ao seu povo para a salvação do mesmo. Portanto, através da Eleição-Aliança, *lahweh* manifesta a Israel seu projeto de salvação. Se ele quiser permanecer na aliança, deverá observar as exigências da lei, pois é um estatuto perpétuo que deve ser ensinado às gerações seguintes e renovado no culto (Gn 17, 9; Ex 14, 12; Dt 1, 5; Js 8, 34; Ne 10, 29ss; Sl 148, 6).

Em um outro momento histórico, Deus fala ao seu povo através dos profetas. Estes profetas são apenas mediadores de *lahweh*: “Então *lahweh* falou por intermédio de seus servos, os profetas...” (2Rs 21,10). Assim, “a palavra de Deus, além da ação sobre profeta, tem uma eficácia própria, independente do profeta: um valor sacramental. Quando Javé lança sua palavra nada lhe pode barrar o movimento: segue seu caminho e realiza sua obra” (Latourelle, 1994, p. 32). Portanto, falando em nome de Deus, lembram ao povo as maravilhas que Ele realizou na história e manifestam o desejo de conversão: “Através dos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa de uma aliança nova e eterna destinada a todos os homens (Is 2, 2-4)” (CIC, 2000, p. 30).

A profecia faz emergir a mensagem que estava obscurecida em curta a distância que existe entre o homem e Deus. Não é Deus que está longínquo, mas é o homem que se afasta d’Ele. Nesse sentido, os profetas exílicos querem abrir o coração do povo a esperança na divina da libertação, recordando que o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

Deus da História, da Aliança, não se encontra distante e sim próximo e acessível. À vista disso, vale mencionar que no contexto histórico do exílio, a palavra profética vai se tornando palavra escrita. Depois da queda de Jerusalém (Ez 33,1-21), o povo não existe mais como ação e os exilados e desanimados reconfortam-se na palavra de *lahweh*, que traz esperança. O povo desanimado declara-se sofredor pelo peso dos seus pecados e incapacitado de reerguer-se. É nesse contexto que Ezequiel falará de conversão, meio pelo qual o povo pode se reconciliar com *lahweh*.

De fato, o Deus dos Profetas é um Deus que se revela na história. E a palavra profética ressoa constantemente nela, para tornar transparente o desígnio de salvação que nela está gravado. Por eles, manifesta-se o rosto de um Deus sempre presente e atuante na história, um Deus que, em lugar de observar ou anular o povo eleito, chama-o à contínua mudança de vida. Por isso, afirmou Zanini (2020): “Voltar aos profetas é como estar diante de uma fonte de água cristalina” (Zanini, 2020, p. 523).

Portanto, o Deus que chama o profeta para anunciar sua mensagem é agora o mesmo que dá a sabedoria: “Foi pela sabedoria que o Senhor criou a terra, foi com inteligência que ele formou os céus. Foi pela ciência que se fenderam os abismos, por ela as nuvens destilam o orvalho” (Pr 3,19s). Os homens devem buscar constantemente a sabedoria, pois os que não são sábios, não vivem a justiça de Deus e não podem jamais compreendê-la. É neste contexto que Davi possui a perspicácia e “a sabedoria”; fora ungido rei por Samuel, segundo escolha de *lahweh* (2Sm 5,1-5). Portanto, faz-se necessário lembrar que a sabedoria de José em governar e a sabedoria de Salomão vem de Deus (Gn 41,38; 1Rs 3,28). É sempre Deus quem dá a sabedoria (McKenzie, 1984).

Finalizando, verifica-se que, no centro da Revelação Veterotestamentária, encontramos *lahweh*, que nas manifestações ocorridas na experiência do seu povo, mostrou-se cumpridor das suas promessas. Nessa Revelação, a manifestação de *lahweh*, se realiza o encontro de Deus com o homem. E esse encontro se realiza de diversas formas, interpelando-o e lhe transmitindo a Boa-Nova, a mensagem salvífica.

Tanto Abraão quanto os demais Patriarcas tiveram essa tal experiência do encontro e da transformação radical em suas vidas. Também Moisés, e os demais profetas, vivenciaram esse encontro e, como se não bastasse, tiveram a missão de revelar este Deus Transcendente e, ao mesmo tempo, um Deus pessoal para o seu povo, o povo da Aliança. Estes homens, por sua vez, respondem então a esse convite do Senhor e o adere: “somente nessa chamada-resposta é que a revelação divina encontra sua expressão viva como comunhão, já que sente a palavra de Deus é aceita e reconhecida pelo homem” (Arenas, 1995, p. 56).

3. JESUS CRISTO, A GRANDE EPIFANIA DE DEUS

Depois da queda de Adão e Eva, Deus promete a Redenção: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela. Esta te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15).⁵ A

⁵ Murad, 1996, pág. 210: “O trecho faz parte do discurso de Deus, após o relato do pecador de Adão e Eva. O Senhor dirige palavras à serpente, símbolo do mal (3, 14s), à mulher (3, 16) e ao homem (3,17). A frase contém uma promessa de esperança, um germen de confiança radical que o mal será vencido, mesmo que mantenha força



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

inimizade relatada neste texto quer significar o conflito entre o maligno (sua semente) e o povo de Deus, especialmente a descendência da mulher (Jesus Cristo). Nesse sentido, afirmou Gatt (2021), dizendo: “mediante ao Pecado Original, ocorreu no homem a privação da justiça original, causando uma desordem nas potências da alma e o afastamento do indivíduo perante à ordem de Deus” (Gatt, 2021, p. 2).

Nesse sentido, haverá uma grande batalha entre o bem e o mal, tendo Deus como vencedor, através de Jesus Cristo, plenitude da redenção. Os homens, incapazes de se levantarem, tiveram a possibilidade de receber a salvação. Sem a Redenção, estariam ainda escravizados pelo pecado. Assim, Deus através dela mostra quão grande é seu amor e sua misericórdia; pois este é um ato totalmente livre e gratuito do Senhor. Por isso, Ele realizou a Aliança com seu povo, pois fora feito em vista da Redenção, que prepara e prefigura a Aliança definitiva, realizada em Jesus Cristo.

Verifica-se que o povo era chamado à conversão pelos profetas, a consciência do pecado e do afastamento do Senhor, mostrando assim a necessidade da salvação. Cabe ainda ressaltar que, os antigos profetas, por diversas vezes, anunciaram o Messias, afirmando que: “Ele aparecerá aos povos como um pastor (Ez 34); como servo de Deus, dará a sua vida por sua redenção (Is 40-53)... aparecerá como Filho do homem sobre as nuvens para receber do Pai o domínio universal (Dn 7)...” (Bartmann, 1964, p. 10)

Convém lembrar que o livro do profeta Daniel afirmou que o Messias deveria vir do céu: “eu continuava contemplando as minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho do Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença” (7,13); percebe-se, portanto, que é alguém glorioso: “a ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas, o serviram. Seu poder é um poder eterno...” (7,14); e que representa uma comunidade santa: “E o reino e o império e as grandezas dos reinos sob todos os céus serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo ...” (7,27).

Em suma, afirmou Kilpp (2014):

“Deus ainda é o condutor da história. A história não é mera sequência de acasos nem é determinada pelos poderosos do mundo. Se, portanto, Deus permitiu que a previsão de grande aflição se realizasse de acordo com o seu plano, ele certamente também concretizará o anúncio de salvação futura contido na mensagem do livro de Daniel” (Kilpp, 2014, p. 171).

Quando então chegou a plenitude dos tempos, fixada pelos insondáveis desígnios divinos, o Filho de Deus assumiu a natureza do homem, para reconciliá-lo com seu Criador, de modo que o demônio, o autor da morte, fosse vencido pela mesma natureza que antes vencera. Para realizar a nossa Salvação, o “Verbo se fez carne” (Jo 1,14); através de uma união misteriosa, assumiu a natureza humana: a natureza humana foi assumida, não aniquilada, mas transformada (Gaudium et Spes, GS, 1965).

Vale mencionar o que autor da carta aos Efésios põe em relevo: “Deus escolheu-nos nele (Cristo) antes da criação do mundo... para nos fazer conhecer o mistério da sua vontade, conforme decisão prévia

histórica para ferir e destruir. O bem terá a palavra final. “Esmagar a cabeça da serpente” significa vencer o mal pela raiz, estancar a fonte do veneno que corrói a humanidade. Por este motivo, este versículo foi denominado ‘Protoevangelho’.”



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude” e continua dizendo “a de Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1,4-10). Em uma outra carta, o autor recorda que o mistério não fora anunciado aos homens nas gerações passadas, mas o Espírito Santo que o revela, manifestou-o, aos seus (Ef 3,5; Cl 1,26).

Sendo assim, Deus quer revelar ao homem seu projeto de Salvação e não há projeto mais amoroso do que este: “aprove a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua vontade, pelo qual os homens, por intermédio de Cristo... têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina” (Dei Verbum – DV, 1965, p. 1) Ele prepara o homem através de sua manifestação para abraçar a Revelação que faz de si e que vai culminar em Jesus Cristo, o Verbo Encarnado. Assim, afirmaram Iwashita e Paim (2018): “A grande novidade do cristianismo é o anúncio de que Deus se fez homem para a nossa salvação. A Encarnação do Filho de Deus é o cumprimento insuperável da história da Salvação” (Iwashita e Paim, 2018, p. 574).

Tendo dito tal afirmação, afirma-se o que Verbo se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem. Maria, que respondeu ao convite de Deus, tornou-se a Mãe do Filho de Deus (CEC, 2000, p. 140), Salvador dos homens. O “*fiat*” daquela agraciada Mulher evoca todos os atos realizados no Antigo Testamento, preparados por muitos. Com este pronunciamento, “Maria cumpre um ato de fé não apenas pessoal, mas corporativo, mesmo em nome do novo Israel, que é a Igreja de Cristo. O que Israel não conseguiu levar a bom termo, cumpre-o Maria com a sua fé, com a obediência ao Pai” (Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do ano 2000, 1996, Pág. 166).

Aquela que é a Mãe do Salvador, a Mãe de Cristo, a Mãe de Deus⁶, a cheia de graça, foi abençoada por Deus com dons inefáveis para tamanho serviço. Deus quis a cooperação de uma criatura para sua obra redentora e escolheu aquela “Virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria” (Lc 1,26-27). Desde antes da criação, fora escolhida para ser santa e imaculada (cf. Ef 1,3); em vista dos méritos de Jesus (Lumen Gentium – LG, N. 53). Assim, afirmou o profeta Isaías que “uma virgem conceberá e dará à luz um filho” (Is 7,14), e isto, a Igreja confirma veementemente: Maria é a “sempre virgem” (CIC, 2000, p. 141).

Podemos assim observar que o Pai celestial enviou o seu Filho, manifestando o seu imenso amor, e Este assumiu a natureza humana, plenificando-a e tornando-se o Salvador do mundo. Por isso, o homem vive por causa d’Ele e por meio d’Ele: “Deus amou tanto o mundo, que deu seu Filho único a fim de que todo que crer nele não pereça, mas tenha a Vida Eterna” (Jo 3, 16). Assim, o Verbo de Deus se fez carne para ser o modelo de santidade de todos os homens (Mt 11,29) e para participarmos da natureza divina.

⁶ Roschini, G., 1961, p. 42 “... Mãe de Cristo e Mãe de Deus se equivalem, pois, significam a mesma realidade e são por isso, perfeitamente sinônimas. A Senhora, com efeito, não é dita Mãe de Deus no sentido de que houvesse gerado a Divindade, ou seja, a natureza divina do Verbo (coisa absurda!), mas no sentido de que gerou, segundo a humanidade, a divina pessoa de Cristo. Com efeito, o sujeito da geração e da filiação não é natureza, mas a pessoa... Este e não o outro é o verdadeiro conceito da maternidade divina, tal como foi definida pelo Concílio de Éfeso em 431”.



Nesse sentido, Cristo, o Verbo Encarnado, é o mediador e a plenitude da Revelação (DV, 1965). Nele nos foi revelado o Pai, que por amor criou todas as coisas. Ao revelar o Pai, Cristo se revela como Filho que é a Palavra encarnada e convida o homem a uma comunhão mais íntima (Arenas, 1995). Através desta vida mais íntima com o seu Deus, o homem percebe que o amor do Pai e do Filho manifesta o Espírito que vivifica e santifica a Igreja. Sendo assim, Cristo, o ápice e a plenitude da Revelação, é, pois, o centro da história. Nele se revela à vontade Salvífica de Deus: “a excelência da revelação de Cristo está no fato de que Ele nos trouxe muito mais que a palavra Com efeito, Ele nos deu a salvação inaugurada por sua pregação” (Arenas, 1995, p. 108).

É inegável, levando em consideração o exposto, que a Encarnação do Verbo era necessária. Com efeito, Deus, no seu infinito amor, poderia utilizar meios mais variados para realizar a Salvação do homem. “Se admitimos que Ele nos queria remir de modo mais perfeito... a Encarnação era o meio de redenção mais oportuno e conveniente” (Bartmann, 1964, p. 15). Por esta razão, o mistério da Encarnação só pode ser entendido como, dado central do testemunho bíblico e da profissão de fé cristã: desenvolvida no seio da comunhão Trinitária, nos revela, o mistério da vida intratrinitária, o mistério da participação do homem e do mundo na glória divina (Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do ano 2000, 1999, p. 19)

Portanto, a história de Cristo, em sua relação com os homens, como centro unificador da comunidade humana e sua relação com o mundo, é a expressão da plenitude divina, da divindade de Deus. Assim sendo, Cristo é o centro da História; e esta se move em espiral, girando em torno d'Ele. Nele, se cumprem as promessas de Salvação realizadas por Deus ao seu povo; manifestando-se, em qualquer época, como o Salvador da humanidade.

3.1 A VIDA PÚBLICA DE JESUS REVELA A PRESENÇA DE DEUS

Os hagiógrafos que escreveram os Evangelhos, para pôr em evidência que Jesus é a grande epifania de Deus. Contudo, tal percepção só foi possível porque eles tiveram uma experiência profunda com Cristo e puderam testemunhar e ser testemunhas de Jesus, daquilo que Ele realizou na vida. Por esta razão, escreveram desde o nascimento até a sua Paixão e Ressurreição, “tudo na vida de Jesus é sinal do seu Mistério. Através dos seus gestos, dos seus milagres, da sua palavra, foi revelado que ‘nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Cl 2,9)’” (CIC, 2000, p. 144-145). Toda a vida de Cristo é sinal da sua divindade e daquilo que veio realizar para os homens, a Salvação. Por isso se pode dizer que a vida de Cristo neste mundo constitui um verdadeiro “sacramento”, uma epifania do mistério divino. Sendo assim, Grudem (2009) afirmou sobre Jesus Cristo: “perfeito quanto à divindade, e perfeito quanto à humanidade; verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem” (Grudem, 2009, p. 996).

Vale ressaltar que, através de suas palavras e de seus atos, Jesus revelou o Pai: “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Ele é o acontecimento da “autorrevelação de Deus”, agindo sempre com aquele que o enviou (Feiner e Loehrer, 1973). Ele mostrou-se obediente ao Pai em tudo. Foi vontade do Pai que o Senhor se fizesse homem e “os mínimos traços dos seus mistérios nos manifestam o amor de Deus por nós” (CIC, 2000, p. 145).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

Tudo o que Cristo realizou, realizou só e exclusivamente para os homens. Desde a sua Encarnação, a sua Morte e a sua Ressurreição, viveu para a salvação de todos. Ele mostrou-se nosso advogado (1 Jo 2,1), nosso intercessor (Hb 9,24) e nosso modelo, único a ser seguido (Rm 15,5), Viveu tudo para que pudéssemos com Ele vencer. Como afirmou Ratzinger (2007):

“(...) o ministério de Jesus não deve ser visto como algo mítico, que pode ao mesmo tempo significar tudo e nada; é um acontecimento histórico datável com rigor, com toda a seriedade da história humana verídica, com a sua unicidade, cujo modo de contemporaneidade com todos os tempos se distingue totalmente da intemporalidade do mito” (Ratzinger, 2007, p. 29).

Assim, embora já tenha nascido “consagrado” (Lc 1,35), o primogênito Jesus, sob a lei de Moisés que conduz o Filho do Altíssimo à casa do Pai, é apresentado no Templo. E neste lugar, a Salvação é manifestada a Simeão: “Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque meus olhos viram a tua Salvação...” (Lc 2,29-30a). Portanto, imediatamente depois do seu batismo, Jesus, “levado pelo Espírito” (cf. Lc 4, 1ss), vai para o deserto. Naquele local, resiste às tentações e se revela como o Servo totalmente obediente de Deus, obediente à vontade daquele que o enviou. O Novo Adão no deserto permanece fiel e “a tentação de Jesus ‘manifesta’ a maneira que o Filho de Deus tem de ser Messias - o oposto da que lhe propõe Satanás e que os homens desejam atribuir-lhe” (CIC, 2000, p. 152).

Como está escrito: “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo, convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,1 5); sendo este o anúncio de Cristo, a Boa-Nova do Senhor. Ele inaugura o Reino dos Céus já aqui na Terra, isto para cumprir sempre à vontade d’Aquele que o enviou, o Pai (LG 3) E esta vontade é tão somente a participação do homem na vida divina (LG 5). Nesse sentido, fica claro que o Reino proclamado por Jesus pertence aos pobres e aos pequenos, àqueles que acolhem a mensagem com um coração humilde. Mas os pecadores também são chamados a participarem do Reino. Por isso, são chamados à conversão, à mudança de vida. Para Grudem, conversão é:

“nossa resposta espontânea ao chamado do evangelho, pela qual sinceramente nos arrependemos dos nossos pecados e colocamos a confiança em Cristo para receber a salvação. Para Grudem a palavra conversão significa “volta”- aqui ela representa uma volta espiritual, voltar-se do pecado para Cristo. O voltar-se do pecado é o chamado ao arrependimento e o voltar-se para Cristo é chamado fé” (GRUDEM, 1999, p. 592).

Os milagres realizados por Jesus manifestam que o Reino está presente e que Ele é o Messias proclamado: “O sinal da água transformada em vinho em Caná já anuncia a hora da glorificação de Jesus. Manifesta a realização da ceia das bodas no Reino do Pai, onde os fiéis beberão o vinho novo, transformado em Sangue de Cristo” (CIC, 2000, p. 368). Não somente o milagre das bodas de Caná, mas vários outros milagres foram realizados por Jesus e foram evidentes na história do povo. Mesmo assim, apesar dos milagres tão evidentes, Jesus foi rejeitado. A manifestação amorosa do Pai não foi acolhida.

Jesus passa escolhendo homens para participarem da sua missão. Deixando tudo, seguiram o Senhor. Ele começou a revelar aos seus discípulos o que aconteceria com Ele: “...era necessário que fosse a Jerusalém e sofresse... que fosse morto e ressurgisse ao terceiro dia” (Mt 16,21). Mesmo assim,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

não ainda não conseguiram compreender. Imbuídos desse fato, Jesus leva a um monte elevado Pedro, Tiago e João, onde acontece a manifestação do Filho de Deus: a Transfiguração (CIC 556). Dessa forma, mediante a Transfiguração de Jesus (Mt 17, 1-7), a filiação divina só foi aceita e, conseqüentemente, a paternidade de Deus só foi revelada porque no rosto desse homem resplandeceu a glória própria do Filho único (Latourelle e Fisichella, 1994, p. 35).

A vontade de Jesus é fazer a vontade do Pai, e que esta vontade seja realizada. Por isso aceita sua morte enquanto redentora para “carregar em seu próprio corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (IPd 2,24). Por causa disso, um beijo manifesta quem deve ser capturado e julgado, decorrendo assim todo o processo de Jesus até sua morte. E será no sacrifício do Senhor que perceberemos sua comunhão íntima com o Pai. O Filho Amado, dando a vida, manifesta o seu amor ao Pai. E, ao mesmo tempo, se torna sacrifício pascal na redenção definitiva para a humanidade (CIC 606-618).

Observando a Escritura, percebe-se que Jesus aceitou livremente sua Paixão e sua Morte para resgatar e salvar toda a humanidade. A morte na Cruz nos revela a obra estupenda de Jesus, por isso é também uma revelação de sua glória, sendo exaltação, glorificação definitiva. A Paixão de Jesus foi de fato um ofertório, uma entrega. Nesse caso, afirmou Bock:

“é por meio da morte livre que Cristo realiza a obra redentora do homem, perpassada pelo vínculo da obediência existente com o Pai. Cristo toma sobre si a morte, que na ordem concreta é expressão e visibilidade da criação, queda dos anjos e do homem. A morte é manifestação visível do pecado no mundo, enquanto que a morte de Cristo é a manifestação da misericórdia ao mundo vencendo a morte com morte. Precisamente por causa de seu caráter velado, a morte de Cristo torna-se expressão e corporeidade de sua obediência e amor, da entrega gratuita a Deus de todo o seu ser” (Bock, 2018, p. 71).

Sendo assim, não poderia ser diferente na cruz. Jesus, “inclinando a cabeça entregou o Espírito” (Jo 19, 29), deu a sua vida para o Pai. A morte de Cristo manifesta um grandioso ofertório de sua vida. E mais, faz da sua vida uma oração viva: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Nesse sentido, vale mencionar o que Durrwell (1964) disse: “sendo essencialmente o Pai, Deus aceita, enquanto Pai, que o Filho seja vítima dos homens e sofra a morte...Deus não condenou, portanto, seu Filho à morte, ele o salvou na morte... Deus ama tanto os homens que dá seu filho, o único (cf. Jo 3,16)” (Durrwell, 1964, p. 56).

Portanto, a manifestação do amor de Deus é enfática, pois, o filho de Abraão, Isaac, fora poupado em detrimento da fé do patriarca, mas o seu Filho Unigênito não foi poupado, para que o amor fosse manifestado como operador da libertação da dor e do pecado (Latourelle e Fisichella, 1994). A razão da morte de Jesus se encontra nas palavras pronunciadas por Ele: “Isto é o meu corpo que vai ser dado por vós; fazei isto em minha memória... Esta taça é a Nova Aliança no meu sangue, que por vós se vai derramar” (Lc 19, 19-20). Haja visto que a morte de Jesus é a Teofania da Revelação do amor do Senhor por toda a humanidade, que é chamado à salvação.

3.2 PÁSCOA, ÁPICE DA EPIFANIA

A Boa-Nova penetrou neste lugar. O Salvador proclama-a aos que estavam à espera, pois todos estavam privados da visão de Deus. Ela foi proclamada para que todos aqueles que ouvirem “... a voz do



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

Filho do Homem e os que a ouvirem vivam” (Jo 5,25). Assim, Jesus prova a morte em favor de todos os homens. O estado do Cristo antes da sua Ressurreição e após a sua morte é o mistério que celebramos no Sábado Santo, quando se celebra a descida de Jesus à morada dos mortos. Nesse sentido, afirmou Silva (2019): “a consciência de que *lahweh* possuía um poder ilimitado, inclusive sobre a morada dos mortos, possibilitou o surgimento da doutrina da ressurreição. *lahweh* pode não apenas fazer o homem descer à mansão os mortos, mas, também, tirá-lo de lá” (Andrade, 2019, p. 85).

Na morada dos mortos, Cristo desceu para resgatar os justos que lá estavam. Eles esperavam o seu redentor que iria libertá-los, mediante a proclamação da Boa-Nova: “Jesus não desceu aos infernos para ali libertar os condenados nem para destruir o Inferno da condenação, mas para libertar os justos que o haviam precedido”. Mas, “... aquele que desceu é também aquele que subiu” (Ef 4,9-10). A Boa-Nova da Ressurreição é anunciada e será o ponto culminante da fé cristã.

Vale ressaltar que a Ressurreição de Jesus é um acontecimento transcendente: “...É objeto de fé enquanto intervenção transcendente do próprio Deus na criação e na história. Nela, as três Pessoas Divinas agem ao mesmo tempo juntas e manifestam sua originalidade própria” (CIC, 2000, p. 187). Pelo poder do Pai, Jesus é ressuscitado; e, por este, é manifestado definitivamente como Filho de Deus. Nesse sentido, afirmou Feiner e Lohrer (1971):

“O auto evento de Deus como vida, luz, domínio, etc., concretiza-se no ato de ressuscitar Cristo: ‘Graças a Deus que nos deu a vitória em Nosso Senhor Jesus Cristo.’ (1Cor 15,57). Com a Páscoa ficou definitivamente constatado que o autoevento de Deus se não realizou noutro lugar ou de outra maneira a não ser no evento Cristo. Somente agora é que a relação de Deus para com o próprio Jesus, tanto quanto para com todo mundo, recebe clareza patente e caráter definitivo escatológico. Mesmo que isto aparecesse antes, principalmente no aniquilamento da Cruz, posto em dúvida, o agir pascal de Deus no seu unguido e enviado acaba com esta dúvida: pela ressurreição Jesus se toma definitivamente o Cristo, o Filho de Deus e Senhor” (Feiner e Lohrer, 1971, p. 45).

Com a sua Ressurreição, Cristo revela-se na sua grandeza, a mais alta glorificação. Assim, “A Ressurreição dá-nos a claridade última do que é Redenção. Não apenas a revelação de quem é Deus, e nós próprios, e do que é pecado; não apenas o caminho novo traçado aos filhos de Deus, e a força que lhes é dada de nele entrar e perseverar” (Guardini, 1964, p. 413). Ou seja, a dignidade do corpo não atinge neste mundo o seu auge. O corpo será transformado em corpo glorioso, incorruptível, que nos fará revestir a imagem do “Adão celeste” (1Cor 15, 49). A morte não tem mais poder, ela será suprimida.

Nesse caso, ponto culminante do mistério da Encarnação é o Cristo Ressuscitado. Nele, Deus quer levar o homem ao conhecimento da filiação divina de Jesus. O fato Pascal, que culmina com a Ascensão e a investidura sacerdotal de Jesus no céu, é a consumação sacrificial de Jesus, feito assim causa de salvação eterna, capaz de consumir os que se consagraram a Deus como povo santo. Assim sendo, verifica-se que a Ressurreição é o sinal visível da grandeza do mistério da pessoa de Jesus e, nesse evento, o grandioso plano salvador de Deus. Com a Páscoa, os discípulos compreenderam o valor salvífico da vida de Jesus. Tudo passou a ter coerência, e ficou esclarecido quem era Jesus e sua missão.

Com a Ressurreição de Jesus, verifica-se também que Deus se mostra como Senhor da vida e da morte. Pode-se afirmar, então, que a Páscoa é um acontecimento escatológico vivida pela fé cristã: “a



ressurreição de Jesus, juntamente com a sua exaltação e com o dom do Espírito Santo, marca o início dos últimos tempos e definitivos tempos do providencial desígnio de salvação do Pai” (Arenas, 1995, p. 419).

Toda realidade, com a Ressurreição, está sendo direcionada para o mundo novo, iniciada por ela. Com ela, deu-se início também ao homem novo e Deus revela a sua Glória. Assim, “a ressurreição descerra o espaço novo que abre a história para além de si mesma e cria o definitivo... a ressurreição não é um acontecimento histórico do mesmo gênero que o nascimento ou a crucifixão de Jesus. É algo novo, um gênero novo de acontecimento” (Ratzinger, 2011, p. 245).

Após a sua Ressurreição, Jesus subiu aos céus por seu poder e está sentado à direita de Deus Pai. Cristo já tinha anunciado sua entrada na glória (Lc 24,26). A Ascensão, tomada de posse da sua glória (Bartmann, 1964), está intimamente ligada à Ressurreição; pois a verdadeira causa desta passagem foi a glorificação acontecida na Ressurreição. Somente a glorificação de Cristo desencadeia a efusão do Espírito Santo sobre a Igreja. Assim, “a presença viva e operante do Espírito de Deus vai se desdobrando ao longo de Revelação Bíblica, como numa espécie de fecunda gestação” (Santana, 1999, p. 1). Cabe ao Mistério Pascal de Cristo revelar plenamente o Espírito Santo e assim, perceberemos sua identidade e missão na economia salvífica.

4. ESPÍRITO SANTO, MANTENEDOR DA EPIFANIA

O Pai está na origem da ação ressuscitante, mas esta é levada a efeito por meio do Espírito. O princípio da glorificação de Jesus é o Espírito: “Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dos mortos habita em vós, ele, que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos, também dará a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11). Ou seja, o agente da Ressurreição é o “*Pneuma*” que “personifica na Divindade a santidade que situa Deus em sua transcendência acima da carne; ele é o princípio fecundo e o vigor irresistível da ação divina” (Durrwell, 1969, p.108). Haja visto que, revelando o Espírito, manifesta a Trindade: O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Todos aqueles que acreditam recebem a sua Glória, o Espírito Santo, que vai glorificá-lo. Esta é a missão do Espírito, unir o homem a Cristo e fazê-los Viver n’Ele (CEC 699).

É o Espírito Santo, o “Espírito da Verdade” (Jo 16,13), quem irá revelar o Cristo, ou seja, vai ensinar e recordar tudo o que Jesus disse, guiando os homens para a Plenitude da Verdade (Forte, 1985). Há uma missão conjunta entre o Filho e o Espírito: o Espírito glorifica o Filho (Jo 16,14); o Espírito “diz tudo o que ouve... recebe do que é meu” (Jo 16,13-14); o Filho fora enviado pelo Pai e por sua vez este envia o Espírito (Jo 15,26; 16,7). Desde sempre até a plenitude do tempo, “a missão conjunta do Verbo e do Espírito do Pai permanece escondida, mas está em ação. O Espírito de Deus preparou o tempo do Messias, e os dois, sem serem revelados, já são prometidos a fim de serem esperados e acolhidos quando manifestarem.” (CIC, 2000, p. 203)

No Antigo Testamento, o Espírito de *Iahweh* age como uma força operante. É a força criadora de Deus no mundo; apossa-se do homem, sujeita-o, leva-o consigo (Jz 13,25; 14,6; 15,14)... e mais, inclusive nas teofanias (manifestações de Deus), sobre o Verbo de Deus, se clareava e ao mesmo tempo permanecia escondido, oculto, mediante a presença do Espírito (Cobiak, 2021). Em relação ao Novo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

Testamento, pelo Espírito, Cristo é munido pela força do Altíssimo (Lc 1,35), o mesmo Espírito desce sobre Jesus no Batismo (Lc 3,22), operava maravilhas, pois uma força saía de si (Lc 6,19)... Jesus promete o Espírito, que será a “força do Alto” para os seus apóstolos (Lc 24, 49); Com a ida de Jesus (Ascensão), é enviado o Espírito sobre os apóstolos e Maria no cenáculo (At 2,1-4), será o mesmo Espírito, o mantenedor da Igreja, e no final, será o agente da “redenção do corpo” (Rm 8,23).

Tanto a missão do Cristo quanto a do Espírito se realizam na Igreja, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. Este prepara os homens, manifestando o Senhor ressuscitado e abrindo-lhes para a compreensão do Mistério Pascal. Ou seja, torna-lhes atual o Mistério de Cristo. E mais, é o “Espírito que abre a história a escatologia, fazendo de Cristo o ser escatológico, o último Adão” (Latourelle e Fisichella, 1994, p. 266). Sendo assim, o Mistério de Cristo adquire uma permanência na história, isto é, o Espírito Santo é o mantenedor dessa realização que perpassa pela História e a história de cada homem.

Ademais, muitos são os caminhos do Espírito, pois como diz a Escritura, Ele sopra onde quer (cf. Jo 3,8). Mas, “é possível identificar alguns caminhos reais, nos quais a Fidelidade do Deus Cristão se apresenta à história humana, para revelar-se e revelar o seu sentido. Esses caminhos são o da Palavra de Deus na transmissão viva da Igreja, os ‘sinais dos tempos’ e a necessidade e o testemunho do amor” (Durwell, 1969, p. 336).

4.1 A IGREJA, SINAL EPIFÂNICO E A EPIFANIA CONSUMADA

A Igreja, fundada por Cristo no Espírito⁷, é composta de homens, feridos pelos pecados, que caminham rumo à salvação, onde, no dia da ressurreição final, será a assembleia filial, reunida “em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo” (ITs 1,1). Ela é enviada por Cristo com a missão de fazer os homens discípulos d’Ele. E a missão se torna eficaz durante séculos mediante o Espírito Santo, mantenedor da Igreja, que dota com variados dons e guia em sua peregrinação. O Documento *Lumen Gentium* (LG, 1964), afirmou que “Terminada a obra que o Pai havia confiado ao Filho para realizar na terra, foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes para santificar a Igreja permanentemente” (LG, 1964, p. 2). Foi assim que a Igreja começou a difundir a Boa-Nova do Reino com a sua pregação, manifestando-se como esposa de Cristo.

A Igreja está enraizada na história, da qual fazem parte todos homens e ao mesmo tempo é uma realidade que transcende, uma realidade espiritual. Aqui na Terra Ela espera o retorno do Cristo Glorioso, aspirando ao advento pleno do Reino. Onde, na glória, acontecerá a sua consumação e a do mundo. Ela é sinal da Revelação, pois a torna sempre presente pela sua pregação. Ela reproduz aos homens, na sua ação eclesial, o mistério de Cristo. Ou seja, a manifestação do mistério de Cristo será atualizada pela Igreja através dos meios sacramentais para atingir os homens e santificá-los.

⁷ Santana, 1999, p. 74: “A Igreja nasce do imenso desdobramento do Espírito do Pai, que ressuscita o Filho; ela se constitui num só Espírito (Ef 4,4); nesse Espírito, os fiéis são batizados para um só corpo (1Cor 12, 13.27), que é o corpo de Cristo; eles pertencem a Cristo pelo Espírito, que os anima: ‘Quem não tem o Espírito não pertence a Cristo’ (Rm 8,9s). Ora, o Espírito Santo é a Operação de Deus em sua paternidade. No eterno mistério, ele é aquele no qual o Pai gera, e o Filho é gerado; é também por ele que o Pai gera o Filho no mundo e o ressuscita. A Igreja é constituída no Espírito, que é divina geração, e nasce corpo de Cristo, no Espírito Santo...”



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

Há um projeto salvífico de Deus Pai para a sua Igreja. Segundo o próprio documento *Lumen Gentium*, a Igreja está ligada ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, às Três Pessoas da Santíssima Trindade. Ela é a assembleia do povo eleito reunido em nome da Trindade Santa. O Pai chama a Santa Igreja, “prefigurada desde o princípio do mundo, preparada na história de Israel, instituída nos ‘últimos tempos’, manifestada pela efusão do Espírito e que terá consumação gloriosa no fim dos séculos” (LG, 1964, p. 1).

A missão e obra do Filho em relação à Igreja, se liga ao Reino, pois a própria Igreja é Reino de Cristo em mistério que cresce no mundo. E vai ser o Espírito Santo santificador da Igreja (LG 3 e 4). A Igreja é Templo do Espírito Santo (Latourelle e Fisichella, 1994), “Templo do Deus vivo” (2Cor 6,16). Foi a ela confiado e depositado o Dom de Deus. Onde se encontra a Igreja, presente está o Espírito de Deus e, onde está o Espírito, presente está a Igreja e toda graça. Sendo assim, a Igreja, apesar da sua fragilidade humana, é verdadeiro sacramento do Espírito.

Toda ação vital da Igreja é operada pelo Espírito, que por diversas maneiras edifica nos membros de Cristo cabeça a sua graça. Por isso se pode falar da unidade da Igreja, pois essa é mantida pelo Espírito Santo: “um só Espírito” (cf. ICor 12,4-13). Assim, a Igreja não poderia subsistir sem o Espírito, porque, mediante a presença d'Ele, Deus se faz presente no coração do homem como está presente no coração da sua Igreja. Pela Palavra de Deus, que edifica o rebanho do Senhor; pelos Sacramentos, que são canais da graça de Deus.⁸

Cabe ressaltar ainda que, o documento de *Puebla* (cf. 920-922), afirmou que o homem é um ser sacramental e que esse possui uma relação com Deus através de sinais e símbolos. Deus também se comunica com os homens e, do mesmo modo, através de sinais e símbolos. Ou seja, Deus se revela e se dá a conhecer através da história, e faz dela um grande sacramento. Cristo é sacramento do Pai, primordial e radical (HOFINGER, 1975), porque d'Ele brotam os Sacramentos. A Igreja, por sua vez, é sacramento do Cristo, porque dela brota a vida nova. Esta vida nova é dada através dos sacramentos, pois a Igreja é sujeito dos sete sacramentos. Estes, “destinam-se a santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e ainda ao culto a ser prestado a Deus. Sendo sinais, destinam-se também à instrução” (Sacrosantum Concilium – SC, 1963, p. 12).

Assim, durante o tempo da Igreja, Cristo vive e age na sua Igreja. E será na Liturgia que o Espírito Santo atualizará o Mistério de Cristo. Em todos os Sacramentos, encontra-se uma presença ativa, real e pessoal de Cristo. Através dos sacramentos, Ele realiza em nós a nossa salvação. Por isso, os sacramentos são ações fundamentais e por eles Cristo infunde o seu Espírito em nós. De cada sacramento, é jorrado, com torrente de graças, o Espírito Santo. (Santana, 1999).

Portanto, os sacramentos manifestam uma ação divina, por meio deles se imprime nos cristãos a imagem de Deus, faz-se a incorporação em Cristo e torna-se presente o Dom do Espírito Santo (Santana,

⁸ Santana, 1999, p. 9: “A Igreja, desde os seus primórdios, reconheceu que a sua identidade mais profunda estava em relação com o fato de ser ela uma comunidade cultural surgida em decorrência da presença do Espírito Santo que a animava e sobre ela repousava (cf. At 2,42; 5, 12-16; Ef 5,18-20; Cl 3,15-17). Essa consciência da perene ação do Espírito Santo na celebração dos Sacramentos, em particular da Eucaristia, mas, sobretudo, em âmbito de experiência de fé, uma verdadeira pneumatologia do culto que...constituía o eixo principal da espiritualidade cristã.”



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

1999). Nesse sentido, a Igreja clama a volta do seu Senhor, “Maranatha!” (1Cor 16,22). Dessa forma, nos sacramentos, “a Igreja já recebe o penhor da herança dele, já participa da Vida Eterna, embora ainda ‘aguarde a bendita esperança, a manifestação da glória do nosso grande Deus e salvador, Cristo Jesus’ (Tt 2,13)” (CIC, 2000, p. 318).

Todos os homens são chamados a uma comunhão de vida com Cristo, pois a única esperança é o próprio Cristo mesmo. A esperança que une os homens entre si e constitui a unidade da Igreja do Senhor é realizada por obra do Espírito, e sua presença na Igreja e na história (vida) de cada homem vai constituir a garantia e cumprimento antecipado da salvação futura (Ef 1,18). Aqueles que já morreram, após a sua morte, tiveram um Juízo Particular, a sua vida em relação à vida de seu Senhor Cristo. E irão esperar o Juízo Final, que será antecedido pela ressurreição de todos (Latourelle e Fisichella 1994). Então Cristo virá em sua glória, com todo poder, e todos os anjos estarão com o Senhor. E todos estarão reunidos “...Ele há de separar os homens uns dos outros, como o Pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda... E irão estes para o castigo eterno, e os justos irão para a Vida Eterna’ (Mt 25,31. 32.46)” (CIC, 2000, p. 293).

Assim, no final dos tempos, chegará, em sua plenitude, o Reino de Deus, e todos os justos viverão com Cristo. Mas, é necessário dizer que a salvação do homem começa agora, na sua aceitação e configuração a Cristo. Dado o exposto, a Igreja será “consumada na glória celeste, quando chegar o tempo da restauração de todas as coisas, e com o gênero humano também o mundo todo... encontrará a sua restauração definitiva em Cristo.” (LG, 1964, p. 28). Por todos esses aspectos, se pode dizer que a plena manifestação do domínio de Deus, que acontecerá com a realização escatológica, será a plena salvação do homem.

Essa restauração será a realização do projeto de Deus, “uma comunhão plena de amor com o Deus Uno e Trino, na realização total de nossa filiação divina” (Latourelle e Fisichella, 1994, p. 261). Portanto, toda criação espera a realização futura: o homem a pertença e realização definitiva em Deus e o mundo, restaurado para a permanência dos justos (Bartmann, 1962). Daqueles que viveram e experimentaram a fé, cumprindo a aliança definitiva que os levaria para a glória celestial, junto com Senhor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo foi refletir sobre a manifestação de Deus na História. Nesse sentido, depois de perceber a grandiosa manifestação do senhor na História, verifica-se que a Revelação interpela sempre o homem a uma resposta. Por isso, a fé cristã se fundamenta na Revelação de Deus ao homem. Ou seja, o homem é o destinatário dela e esta será acolhida através da fé.

Toda a vida de Israel se baseia nas experiências históricas desse povo com *lahweh*. Até mesmo as teofanias são compreendidas à luz deste relacionamento histórico com o Senhor. O Israelita é chamado a responder a esse Deus com obediência (Jz 5), com confiança (Gn 15, 6) e com fidelidade (Is 26, 23). Nesse sentido, a Revelação, manifestação de Deus, dá respostas para as interrogações mais profundas



do ser humano. Ela nos mostra quem é Deus, porque o homem é a imagem e semelhança do Criador e, conseqüentemente, o seu chamado. E será somente no Cristo que encontrar-se-á o verdadeiro rosto do ser humano.

Assim, por meio da fé, diante da Verdade, com uma atitude de abertura ao Mistério de Deus, o ser humano chega ao conhecimento da mesma, compreende os sinais pelos quais Deus se torna acessível e amado. Ou seja, o Mistério revelado será atingido pelo homem à luz da fé, que é uma graça interior, um dom e que permite uma relação pessoal com Deus que leva o ser humano a aceitar livremente e reconhecer a Verdade plena manifestada.

Sendo assim, a Igreja, que torna presente Cristo na História, nos leva, através da fé, a um encontro pleno com Ele, um encontro de não fechamento de si, mas uma abertura à experiência de Deus Vivo e Atuante na História.

6. REFERÊNCIAS

- ALFARO, J. **Esperanza Cristiana y liberación del hombre**. Barcelona, ES: Herder, 1972.
- ANDRADE, P. F. C. de. **A descida de Cristo à mansão dos mortos**. 2019, p. 1-309. Dissertação (Doctoral dissertation) - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.
- ARENAS, O. R. **Jesus, Epifania do Pai (Teologia da Revelação)**. Bogota: Celam, 1989.
- BATMANN, B. **Teologia Dogmática – I Revelação e Fé – Deus – A Criação**. São Paulo: Paulinas, 1964.
- BATMANN, B. (1964). **Teologia Dogmática – II – A Redenção – A Graça – A Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1964.
- BATMANN, B. **Teologia Dogmática – III – Sacramentos - Escatologia**. São Paulo: Paulinas, 1962.
- BERNARD, P. R. **O Mistério de Jesus – Pensamento e vida. Tomo I**. Sam Pedro: VT, 1964.
- BERNARD, P. R. **O Mistério de Jesus – Pensamento e vida. Tomo II**. Sam Pedro: VT, 1964.
- BERNARD, P. R. **O Mistério de Jesus – Pensamento e vida. Tomo III**. Sam Pedro: VT, 1964.
- BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1994.
- BOFF, L. **Igreja e Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOCK, V. M. **O culto devido aos mortos como lugar teológico a partir do tratado: O Cuidado Devido aos Mortos, em Santo Agostinho**. Porto Alegre: PUC-RS, 2018.
- BORN, A. V. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- CÁCERES, C. A. A criação e o tempo em Agostinho: uma análise do livro XI das Confissões. **Revista Diaphonía**, v. 7, n. 1, p. 30-52, 2021.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
 Luiz Fábio Domingos

- CATECISMO. **Catecismo da Igreja Católica**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COBIAK, S. C. S. da. Artigo-ações do Espírito Santo no Antigo Testamento: ele estava lá!. **Teologia em Revista-Revista Acadêmica da FAESP**, v. 1, n. 01, p. 31-57, 2021.
- Comissão teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000. (1996). *Jesus Cristo – Ontem, Hoje e Sempre*. Paulinas. São Paulo, SP.
- COMISSÃO teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000. *In.: Deus Pai de misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- COMPÊNDIO. **Compêndio do Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- DELCUVE, G. **Jesus Cristo Nosso Salvador – Testemunhas de Cristo V**. São Paulo: Flamboyant, 1961.
- DENZINGER. **Denzinger-Schönmetzer Enchiridion Symbolorum, definitiorum et declarationum de rebus fidei ET morum**. Madri-ES: BAC, 1983.
- DURRWELL, F. X. **A Ressurreição de Jesus – Mistérios de Salvação**. São Paulo: Herder, 1969.
- DURRWELL, F. X. **O Pai Deus em seu Mistério**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- FEINER, J.; LOHRER, M. **Misterium Salutis II/3**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- FEINER, J.; LOHRER, M. **Misterium Salutis III/4**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FORTE, B. **Jesus de Nazaré – História de Deus – Deus da História (Ensaio de uma Cristologia como história)**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FORTE, B. **Maria a mulher ícone do mistério**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- GATT, P. Foucaut e a Pastoral da Confissão: o ato de se confessar no governo cristão das almas e a punição para cada pecado segundo o Decretum (1000-1025), por Burcardo de Worms. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 18, n. 31, p. 1-16, 2021.
- GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.
- GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- GUARDINI, R. **O Senhor**. Lisboa-PT: Livraria Moraes Editora, 1964.
- HARRINGTON, W. J. **Chave para a Bíblia**. São Paulo: Paulus, 1985.
- HOFINGER, J. **Cristo el porqué de nuestra Esperanza – los principales elementos Del mensaje Cristiano**. Barcelona-ES: Herber, 1975.
- KILPP, N. Como sobreviver ao silêncio de Deus? Algumas estratégias do Livro de Daniel. **REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 5, n. 6, p. 163-175, 2014.
- LATOURELLE, R. **Teologia da Revelação**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. **Dicionário – Teologia Fundamental**. São Paulo: Santuário, 1994.
- LÉON-DUFOUR, X. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes: 1987.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
 Luiz Fábio Domingos

LUCHESE, M. H. Maria: Ícone do mistério de Cristo. A função de Maria no projeto de salvação segundo a constituição dogmática *Lumen Gentium*. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 3, p. 309-335, 2021.

MACKENZE, J. L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1984.

MAGNO, São Leão; PAPA. **Sermões sobre o Natal e a Epifania**. Petrópolis: Vozes, 1974.

MARSILI, S. **Dicionário de Liturgia – Sacramentos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

MOLTMAN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971.

PAPA, Paulo VI. **Sacrosanctum Concilium**. Vaticano: [S.e], 1963.

<http://www.parrocchiainmacolatamodugno.it/wp/wp-content/uploads/2012/10/Sacrosanctum-Concilium.pdf>.

PAPA, Paulo VI. **Lumen Gentium**. Vaticano: [S.e], 1964.

<https://paroquiasfamilia-chaves.pt/wp-content/uploads/2019/10/6-Lumen-Gentium.pdf>.

PAPA, Paulo VI. **Gaudium et Spes**. Vaticano: [S.e], 1965.

www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651207_gaudium-et-spes_it.html#.

PAPA, Paulo VI (1965). **Dei Verbum**. Vaticano: [S.e], 1965. http://www.paroisseportet.fr/wp-content/uploads/2016/09/dei-verbum_fr.pdf.

PASTOR, F. A. **A Lógica do Inefável**. São Paulo: Loyola, 1965.

PEÑA, J. L. R. **Teologia da Criação**. São Paulo: Loyola, 1989.

RAMOS, Pe. G. D. **Obras completas de San Bernardo – I**. Madrid-ES: Bac, 1953.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré: primeira parte**: do batismo no Jordão à transfiguração. Tradução de José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Editorial Planeta do Brasil, 2007.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011.

ROCCHETA, C. **Os Sacramentos da Fé**. São Paulo: Paulinas, 1991.

SANTANA, L. F. **O Espírito Santo e a Espiritualidade Cristã**. Rio de Janeiro: Bom Pastor, 1999.

SERENTHÁ, M. (1986). **Jesus Cristo ontem, hoje e sempre – ensaio de uma cristologia**. São Paulo: Salamanca – Dom Bosco, 1986.

SCHEIDER, T. *et al.* **Manual de Dogmática – prolegômenos, Doutrina sobre Deus, Doutrina da Criação, Cristologia, Pneumatologia**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, G. G. Êxodo dos israelitas: um enfoque para o ensino religioso atrelado ao uso de livros sagrados. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 3, n. 7, p. 31-36, 2020.

VELIQ, F.; GOMES, A. P. F. O amor e a memória no livro x das confissões de Santo Agostinho. *Sapere aude*, Belo Horizonte, v. 11, n. 22, p. 577-588, 2020.

VIOLA, F. **Da eternidade até aqui**: Redescobrinho o propósito eterno de Deus para a sua vida. Curitiba: Editora Palavra, 2021.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO SEU POVO
Luiz Fábio Domingos

XAVIER, D. J.; SILVA, M. F. D. A kénosis do espírito santo e a criação em Sergei Bulgakov. **Perspectiva Teológica**, v. 52, n. 2, p. 393-415, 2020.

ZANINI, R.; BELEGANTE, D. A profecia bíblica na defesa da justiça e da vida: Se calarem a voz dos profetas as pedras falarão (Lc 19, 40). **Revista Encontros Teológicos**, v. 35, n. 3, 2020.